

ELA
QUERIA
AMAR,
MAS
ESTAVA
ARMADA

CONTOS

LILIANE PRATA

ELA
QUERIA
AMAR,
MAS
ESTAVA
ARMADA

CONTOS

609 instante

© 2019 Editora Instante

© 2019 Liliane Prata

Direção Editorial: **Silvio Testa**

Coordenação Editorial: **Carla Fortino**

Revisão: **Andréa Vidal e Fabiana Medina**

Lettering para capa e miolo: **Ale Kalko**

Imagem de capa e quarta capa: **Anna Babich/Shutterstock**

Diagramação: **Estúdio Dito e Feito**

1ª Edição: 2019

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Laura Emília da Silva Siqueira CRB 8/8127)

Prata, Liliane.

Ela queria amar, mas estava armada /

Liliane Prata. 1ª ed. — São Paulo:

Editora Instante : 2019.

ISBN 978-85-52994-17-6

1. Literatura brasileira 2. Literatura brasileira: contos

3. Literatura brasileira: novela

I. Prata, Liliane.

CDU 821.134.3(81)

CDD 869.3

Índices para catálogo sistemático:

1. Literatura brasileira
2. Literatura brasileira: contos
3. Literatura brasileira: novela
869.3

Atualização de ortografia conforme o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, em vigor no Brasil a partir de 2009.

www.editorainstante.com.br

facebook.com/editorainstante

instagram.com/editorainstante

Ela queria amar, mas estava armada é uma publicação da Editora Instante.

Este livro foi composto com as fontes Arnhem e Prelo e impresso sobre papel Pólen Soft 80g/m² em Edições Loyola.

Para Marcelo

“Amar os outros é a
única salvação individual
que conheço: ninguém
estará perdido se
der amor e às vezes
receber amor em troca.”

Clarice Lispector,
A descoberta do mundo

Sumário

Prefácio
**Histórias
de amor
nada
exemplares** 10

1
**Ela queria
amar,
mas estava
armada** 13

2
**Nas horas
livres,
desenho
libélulas**
37

3
**Faça uma
massagem nos
pés da pessoa**
46

4 **Ninfeta** 54

5 **Aquela é a
viúva Camila** 72

6
**Eu te
pergunto,
José**
75

7 **É muito
difícil
as relações
vingarem
hoje em dia**
80

8
**Tapete
rosa de
pétalas**
91

10
**Bala de
hortelã**
114

9
Divórcio civilizado 105

11

Stand by me

121

12

O contrato 126

13

Lavínia 133

14

A doença misteriosa

146

15

Amor não é isso? 153

16

Valeu a pena ter vindo

162

17

Cheiro de café queimado

165

18

Matadores de passarinho

205

19

Meia-taça 211

20

Posfácio

Onde se dá uma

trégua

222

Introdução

à beleza 217

Sobre a autora

224

PREFÁCIO

HISTÓRIAS DE AMOR NADA EXEMPLARES

Uma coleção de histórias de amor nada exemplares — tortas, errantes, desajeitadas. Neste livro, Liliane Prata reúne contos que poderiam ser relatos cotidianos de encontros e desencontros sobretudo entre casais, mas também entre mães, pais, filhas. Sua escrita parece guiada pelo desejo de investigar, sem distanciamento e neutralidade, como se dão os vínculos de afeto na contemporaneidade.

Neste espaço, escolhi escrever sobre o tema comum aos textos reunidos. Lili — vou chamá-la aqui como a chamo na vida — tem vocação para observar e refletir, e parte da ficção para examinar o desejo de estar perto daqueles que amamos e também as dificuldades que nos impedem de fazê-lo. Desconfiados, dessensibilizados, desconfortáveis em nossas vulnerabilidades, o fato é que estamos muito atrapalhados.

Mas Lili não se contenta com o diagnóstico e imagina histórias que são, sobretudo, de tentativas mais do que de fracassos. A autora busca se aproximar das relações humanas com entusiasmo genuíno, em especial a partir da perspectiva das mulheres. Desse modo, poderíamos inverter a ordem do título do livro e do primeiro conto que o nomeia, subvertendo, assim, também o sentido: *ela estava armada, mas queria amar* — o que sobressai, afinal, é a persistência das personagens, mesmo contra as

defesas mais imponentes. A constatação não deixa de ser um alento, pois, como escreveu Freud, em última análise, precisamos amar para não adoecer.

Ler estas histórias me fez pensar na fábula dos porcos-espinhos, que, quando viviam perto demais uns dos outros, estavam sempre se espetando e se machucando. Por proteção, decidiram se afastar. Mas a chegada do inverno rigoroso mostrou que a ideia não era assim tão boa: como se aqueceriam estando isolados? Para não morrer de frio, foi preciso que retornassem, e assim passaram a se espetar novamente, e se afastar novamente, e se congelar novamente, voltando a se aproximar e a se machucar, enquanto procuravam entender qual é a distância que torna a vida possível. Estamos mais ou menos como esses porcos-espinhos, indo e vindo enquanto tentamos fazer esse cálculo.

Essa fábula singela, por sua vez, remete a uma frase bonita do escritor João Guimarães Rosa, conterrâneo meu e de Lili: “É preciso sofrer depois de ter sofrido, e amar, e mais amar, depois de ter amado”. A frase poderia ser uma espécie de manifesto que guia a escrita deste livro.

Foi como leitora que, há anos, conheci Lili. Mais tarde, acabamos nos tornando parceiras de projetos editoriais, dos quais ela sempre participou com generosidade e entusiasmo. Ao longo desse tempo, acompanhei a sua dedicação à leitura e à escrita com admiração. É difícil seguir o seu fôlego e a sua versatilidade: são nove livros publicados, um canal no YouTube, um *podcast*, além de grupos de leitura e cursos sobre livros e sobre ideias. Lili veio ao mundo para seguir em movimento — e nos provoca, com gentileza e disposição, a também permanecer em transformação.

Fabiane Secches

Psicanalista e doutoranda em Teoria Literária e
Literatura Comparada na USP

ELA QUERIA AMAR, MAS ESTAVA ARMADA

— Amor, eu gosto que você se sinta inseguro. Porque quando você se sente inseguro, eu me sinto segura, entendeu, sei que o certo seria que você cuidasse de mim e eu de você, mas faço exatamente o oposto, porque a verdade é essa, André, quero que você se sinta mal quando eu tô longe, que o seu peito aperte quando demoro para telefonar. No fundo, amor, preciso que você seja infeliz.

André fez uma pausa. Estava tirando o tênis quando apertou o play do áudio de Luiza, o áudio enviado de madrugada, ouvido no barulho matinal da padaria e repetido agora, o saco de pães ainda na mão. Ele olhou a sala, os cinco meses juntos, que áudio esquisito, como este tênis está sujo, e esta tosse que não acaba, e este peito tão murcho, a cabeça tão cheia, por que tudo é tão difícil? Tirou o moletom cinza, refez o rabo de cavalo, calçou os chinelos e levou o tênis para o quarto, sentindo os passos pastosos, já sem saber se era o áudio, se era a fome de quem não tinha jantado ontem ou o vazio que não passava com a comida. Esquentou no micro-ondas o café gelado da garrafa térmica, abriu a geladeira, botou queijo e presunto no pão. Na bancada embaixo da janela, dois vasilhinhos de violetas murchas; no piso de azulejos claros, um punhado de pó de café de dois dias atrás. Foi para a sala. Sofá, pés na poltrona, celular e prato do lado, um suspiro infinito. Lá de

fora, ou talvez de baixo, começaram gritos anônimos: *Sai daqui, Não vou sair, Eu te odeio, eu te odeio!* Ainda era tão cedo, por que tantos gritos? Play.

— Eu percebo que fico tentando te controlar, André, falei isso semana passada pra minha psicóloga. Mas parece que perceber não adianta muita coisa, ou talvez até pior, percebo as merdas e faço elas mesmo assim, uma parte de mim faz e a outra fica tentando entender, eu me sinto partida, todo mundo se sente assim, partido? Eu sempre te falo que te amo, mas andei pensando muito e acabei de descobrir que amar, pra mim, é mais ou menos assim: eu te amo, então eu quero que você se foda, entendeu? Por exemplo: ontem, senti muito ciúme de você, foi uma bobagem, nem vou comentar o que era, ah, foda-se, foi uma bobagem que rasgou meu peito, vou contar: senti ciúme de você ter almoçado com aquela sua amiga. Não é que senti um ciúminho bobo, eu tremia, eu implodi, André. Um lado meu quer que você seja livre para almoçar com quem você bem entende, sabe, isso de tratar o outro como uma posse acho tão absurdo, e, afinal, eu também quero almoçar com quem eu bem entendo, mas esse lado fica soterrado por outro lado meu que quer te prender, e também por outro lado meu que quer ser presa, é, tem esse lado também, são três lados, parece. Esse meu lado que quer ser presa se ressent, acho que é por isso que eu explodo do nada às vezes. Já esse lado que quer, que precisa te prender, esse lado quer que você se sinta culpado toda vez que você se sente livre. Foi por isso que, depois do seu almoço, eu fui lá e tentei te fazer se sentir mal, entendeu? Você me mandou mensagens e eu demorei pra responder, e, quando respondi, respondi toda seca. Dei uma sumida, não curti suas postagens, enfim, tentei dar aquela chacoalhada no seu emocional. Por pouco não dei em cima de alguém, André, já fiz isso algumas vezes, só pra me sentir por cima de você, saiba: fico com raiva do que sinto, com raiva de você, e vou lá e dou em cima de alguém. Por pouco

não fiquei dando um jeito de enfiar numa conversa com você casos sobre outros homens que me desejam e mil histórias sobre carinhas com quem eu já fiquei... Preciso me sentir por cima de você, André, quem é você pra tentar me amar, pra fazer com que eu te ame, essa coisa toda? Sinto que sou muito apaixonada por você, mas também sinto que não sei lidar com isso, não faço ideia do que sinto, sinto que tenho muita raiva de você. As pessoas dizem que não sabem definir o amor, mas pensei muito de ontem pra hoje e cheguei a esta conclusão: amar é desrespeitar e ser desrespeitado. Pelo menos pra mim, sabe? Pelo menos, quando amo muito. Se eu não te amasse tanto, aí, sim, talvez eu conseguisse gostar de você. Ah, André, meu problema é que eu morro de medo, já nem sei de quê, tenho medo de tanta coisa, e aí quero voltar no tempo e não ter conhecido você, ah, como adoro ter conhecido você, como te odeio, André, como não suporto nada disso... Amar é exatamente a mesma coisa que não amar.

Silêncio no prédio da frente. Vazio no prato. Uma dor sem nome, uma espécie de desespero paciente, uma angústia que se habituou a existir. Play.

— Não quero mais ficar com você, André. Não consigo mais. Sei que sou nova, mas decidi, é como se eu quisesse ligar as trompas do meu peito, é isso, vou fazer uma laqueadura amorosa.

Ele se levantou e andou até o banheiro. Tirou a roupa enquanto a água do chuveiro esquentava, olhou-se no espelho sem prestar atenção no que via, sentiu sem saber o que sentia. Mas sentiu. Sentiu profundamente. Por quase dez minutos, a água escorreu quente pelas suas costas, e só então pegou o xampu, o sabonete, os cheiros todos, os cheiros que queria botar na pele e no ar do banheiro e também nos apartamentos vizinhos, nos áudios, nas bagunças que não conseguia entender.

— Deixa ver se é isso mesmo, Lu... — Ele estava agora com a toalha amarrada na cintura, o telefone apoiado

entre a orelha e o ombro largo. — Você quer terminar comigo porque não sabe amar. Ou porque, quem sabe, me ama *demais*.

— Eu te amo pra caralho, amor — ela respondeu com uma espécie de agitação resignada, o tipo de nervosismo de quem se percebe alterado, mas não consegue fazer de outra forma. A agitação de Luiza era como o desespero de André: apresentações distintas, mesmo sabor. — Tava meio abalada quando te mandei aquilo, você deve ter notado. Eu tava chorando, tinha bebido um pouco, tinha brigado com o meu pai, preciso te contar as coisas horríveis que ele me falou, foi um dia difícil, pensei uma porção de coisas, agora tô mais calma. Mas o fato é: eu sou muito apaixonada por você, e isso tá atrapalhando as coisas que eu preciso fazer. “Você ficou com seu ex por dois anos”, você pode dizer, mas eu nunca tinha gostado tanto assim dele, então era fácil. Terminei porque achava que não gostava dele o suficiente, mas agora concluí que aquela era a quantidade certa de amor para sentir por alguém.

— E o que são essas coisas que você precisa fazer, afinal? — Ele acendeu um cigarro. Só vinha fumando dois por dia, e estava antecipando em catorze horas o segundo.

— Como assim, o que são essas coisas que eu preciso fazer? Cuidar da minha pesquisa, André, cuidar da minha vida. Comprar minhas passagens pra Guatemala, fazer minha pesquisa com os maias e seus descendentes.

— Até hoje não aceitei isso de que existem maias vivos.

— Ora, André, você acha que só existiam os maias dos livros de história? Você também acha que não existem tupinambás aqui em São Paulo? E comunidades morando em quilombos? Você fica naquela sua faculdade de administração o dia todo, só falando com as pessoas sobre administração, administração, administração, eu não sou assim, eu não administro nada, eu tô pouco me fodendo pra administração, você fica numa bolha, André.

— Bom, chega disso, vai. Você vai dormir aqui em casa hoje, né? Amanhã é feriado, a gente acorda sem hora pra sair da cama...

— André, tô te falando, eu...

— Me explica tudo mais tarde. Pessoalmente. Nua. Toda gostosa, só pra mim.

— André, não sei como posso amar tanto alguém que, além de não dar a mínima pra antropologia, também não dá a mínima pro que eu estou dizendo. De qualquer forma, não vou pra sua casa hoje. Estou *terminando* com você.

— Lu — ele fez uma pausa. — Você tá brincando, certo? Nunca sei quando você tá brincando. Olha, você tem suas infantilidades, eu tenho as minhas. Todo mundo é meio criança quando tenta amar e ser amado. Outro dia li que amar é aceitar a nossa infância e a do outro.

— Eu tô e não tô brincando. — A voz dela começou a embargar. — A minha pesquisa é mais importante que você neste momento. Do que a gente. *Tem que ser*. Não aguento mais gostar de você, meu amor, tô exausta, e você sabe que eu sou uma pessoa intensa, falei isso pra minha psicóloga, que nós, as pessoas intensas, não podemos ficar exaustas, até comentei com ela que nós, as pessoas intensas, não deveríamos morar em São Paulo, nós deveríamos nos juntar e ir pruma fazenda, ir prum lugar tranquilo no meio do nada e fundar a fazenda dos intensos, mas enfim... Hoje acordei tão cansada, parecia que eu nem tinha dormido, porque ontem à noite fiquei pensando que você tá mentindo pra mim, ou que vai parar de gostar de mim, enfim, que vai ferrar a minha vida... Fiquei desesperada, sendo que estamos superbem, sendo que você me ligou todo fofo antes de dormir! Nada é suficiente pra arrancar esse desespero do meu peito! Nada!

— Calma, linda. Calma...

— Fico te cansando com essa minha carência infinita, sei que fico. Vira e mexe eu surto, eu sei, às vezes

tenho medo de você morrer, de você entrar no ônibus e o ônibus capotar, sonho com isso, ou sonho que você tá morrendo ou que tá me matando, é horrível. Falando em ônibus, preciso ir pra Poços de Caldas, preciso...

— Você não me cansa. Sabe o que eu fico pensando? Em como te amo. Te amo demais.

— Você também tá exausto, André. Sua voz tá sem brilho, voz de ressaca. A minha também tá assim, cada vez mais. Meu amor por você é tão grande que é disforme, monstruoso. Preciso de paz para fazer minhas coisas. *Não aguento mais.*

— Você tá exagerando.

— Não me fala que tô exagerando, o.k.? Estou te contando como me sinto em relação a nós dois, não estou pedindo que você concorde nem esperando um “parecer” seu. Estou cansada, isso sim. Se gostar é isso, é precisar tanto assim do outro, é não suportar nem a sua ausência nem a sua presença, é dizer eu te amo, mas, no fundo, querer que o outro seja infeliz, eu não quero mais. Chega. Realmente não sei o que acontece, onde estou errando, mas, sinceramente, desisto. Tanta coisa importante acontecendo no Brasil, no mundo, por que o amor tem o poder de me sugar assim? Digo, qual a importância disso, essa coisa de casal, de amar, essa coisa toda? Acordei hoje pensando em você, pensando em te ver, mas aí tive um estalo: não dá mais. *Preciso ir embora.*

— Lu, ouve. Não se termina um relacionamento assim do nada. São cinco meses, e eu te amo muito, você sabe.

— Também te amo. Já disse, estou terminando por excesso, não por falta. Você tá tomando um calote amoroso, André, não é por maldade, é porque meu coração faliu! — Ela soltou uma risada tensa.

— Meu amor... Não precisa ser assim tão complicado. Compra as suas passagens pra Guatemala, a gente vai se falar todos os dias enquanto você estiver lá. Te dou todo o meu apoio na sua pesquisa, Lu. Quando você estiver

viajando, vou pra Poços ver sua família e ajudar no que for, você pode contar comigo pra tudo que você quiser...

— E o que eu quero, André? Eu só quero ficar com você. Essa viagem era um sonho. Era melhor que um sonho: era um dos meus objetivos de vida. E agora, quando penso nela, nos maias, no meu gravador ligado, começo a pensar no seu cheiro, no seu cafuné, no seu pau, e de repente em você me traindo, você me largando. E não quero ser essa mulher, obrigada. Não quero levar você na mala e na porra dos meus pensamentos. Também tô cansada de levar você na porra dos meus pensamentos o tempo todo aqui em São Paulo. Eu sou louca por você. Mas eu era muito mais feliz antes de te conhecer.

— Por que você não tenta relaxar um pouco, só isso... Por que tem que ser assim?

— Você não consegue entender como é difícil pra mim. Você não entende, eu já passei por coisas horríveis, André, dentro e fora da minha cabeça.

Antes que ele pudesse argumentar, antes que se autorizasse a pegar o terceiro cigarro, Luiza disse: “Tenha uma boa vida” e desligou. André ficou parado, rindo no vazio, e então ficou muito sério, esperando um toque do telefone, mas isso não aconteceu. Assim que chegou ao trabalho, mandou uma mensagem para Luiza e descobriu que havia sido bloqueado. “Está mais calma?” era o texto. Ele não estava mais calmo. Em vez disso, tomava um café depois do outro na sala dos professores, torcendo para que o sinal da próxima aula tocasse logo, enquanto avaliava a possibilidade de fugir da reunião das dezoito horas. Iria à casa dela assim que saísse da faculdade.

— • —

Num quarto bagunçado no Butantã, Luiza, uma pálpebra tremendo sem parar, uma fatia de bolo intocada sobre a cama, esperava por Carla. Estava ansiosa não pela

sua companhia, mas pelo silêncio compartilhado, talvez para ter sua presença, que sentia tão oca naquele momento, testemunhada. Não falaria sobre o término, estava decidido. Eram quase amigas, mas não comentaria nada. Apenas tiraria uma dúvida sobre o seminário daquela tarde, talvez falasse sobre o atraso da conta da internet, precisava avisar da cerveja com o pessoal, haviam dito que, mesmo que chovesse granizo, passariam no bar depois do seminário. Tocou as bochechas tentando descobrir novas espinhas, ficou passando o dedo pelo piercing do nariz. Se Carla perguntasse por André, diria que ele tinha um curso naquela noite, e diria a mesma coisa na noite seguinte, e na noite seguinte, até Carla esquecer que nas manhãs de quarta e quinta costumava trombar com um moreno de cabelo comprido sem camisa na cozinha, e que aos sábados e domingos o apartamento era todo dela para suas alegrias pontuais e preocupações infinitas, pois sua *roommate* estava dormindo em outro endereço. Agora, dividiriam não apenas os silêncios e a quase amizade, como também a solteirice. As conversas sobre os textos que estavam lendo, as fofocas sobre os bastidores acadêmicos e os comentários sobre as aulas talvez não aumentassem em volume, mas ela passaria a lhes dar mais atenção, estaria mais presente, atenta, agora que seguiria sua vida sem pensar em André, agora que se concentraria no mundo e não mais em lembranças, planos e emoções que substituem o nome de todas as coisas pelo nome de um homem.

Não havia mais esse homem. Não daria mais espaço para o amor, decidiu, procurando pelas gavetas e bolsas um *beck* que acabou não encontrando. Parou os olhos no espelho da porta do guarda-roupa, estava mais barriguda? Bem, foda-se. Escolheu um disco de Ana Cañas numa das caixas sob a escrivaninha, o apartamento ainda sem Carla. As primeiras notas vieram com a constatação: não só não conseguia amar, como se recusava a

aprender, e não era obrigada a aprender, era? Sentia-se quebradiça demais para forçar o peito a abrigar o jorro de um amor. E o importante era sua pesquisa: a antropologia, afinal, envolvia aprendizados difíceis, mas não impossíveis, como lhe parecia ser a união com André.

De repente, ouviu da sala o barulho da porta se abrindo e pulou de horror com a ideia de ser André, mas era Carla, Carla chegando com um tom de voz sereno demais para ser compreendido, oi, Carla, hã?, sim, tô aqui. André não tinha a chave, não fazia sentido esperar que ele aparecesse ali, meu Deus, o que tinha na cabeça, não podia continuar pensando em André, precisava se concentrar na sua pesquisa e nas passagens para a Guatemala, e não em um homem, como gostaria de ter sido educada para as paixões intelectuais, e não para as paixões entre dois apaixonados, mas, ao que parecia, só conseguiria se dedicar às primeiras se abrisse mão das segundas, e era exatamente isso que tinha feito, tinha terminado com André para não pensar mais nele, mas era preciso não apenas fazer, era preciso estar em paz com sua decisão, decidir não apenas com a razão, mas com todos os poros, as decisões só funcionam quando se decide com todos os poros.

Luiza estava agachada no quarto, escolhendo outro disco, tentando organizar os pensamentos, não queria mais pensar tanto, já havia feito sua escolha, estava tentando desacelerar a mente, tentando nem sabia mais o quê, quando seu peito começou a acelerar como no dia anterior, como daquela outra vez há três semanas, como das vezes em que comentava depois com a psicóloga, ah não ah não, não agora, não esse ataque no peito que não é um infarto, que não vai me matar, mas é como se tentasse, é como se tentasse com tanta vontade, ah não, isso não vai me pegar de novo, ah não ah não... E ela se deitou no chão, chorando enquanto era percorrida por um calafrio, a cabeça girando, o medo, o medo, o medo envolvendo seu corpo como o abraço gelado de uma jiboia,

ela sentia a boca seca, um ímpeto de sair correndo e uma necessidade de ficar, levantou-se e tentou gritar, mas a voz não saiu, parece que estava se acalmando, ah não, lá vem mais uma correnteza, mais uma sucessão de choques na alma, ah não, e ela se arrastou até a cama, se deitou em posição fetal, sentindo que o peito estava prestes a se romper a qualquer momento, que todos os tendões e ligamentos explodiriam, veias e artérias a afogariam dentro daquele corpo confuso, imprevisível, estranho; o coração quase saltando, as lágrimas frias, o horror difuso, invisível e concreto do susto de estar viva, o pânico, o pânico.

Pouco antes das onze da noite, após duas batidas de coco e quatro cervejas, Luiza voltava do bar. Entrando no apartamento, desbloqueou André do aplicativo, queria mandar um oi, não sabia por quê, mas queria mandar um oi. Mensagem não enviada: descobriu que havia sido bloqueada, resolveu que era melhor assim e se deitou na cama. Dez minutos depois, levantou-se e saiu em direção à casa de André; em vez disso, foi para a rodoviária do Tietê. Cochilou no ônibus, sonhou que andava na rua portando várias armas de fogo.



Após o décimo cigarro, André não estava mais com vontade de fumar, nem de fazer nada. Olhava pela sacada do apartamento o movimento na rua Professor Rodolfo São Tiago, no Belenzinho. Havia saído da faculdade às dezoito e trinta, pegou o metrô cheio de saudade e argumentos, desistiu quando chegou à estação Butantã e tomou o caminho para casa acompanhado de uma mágoa maior do que o desejo de reconciliação. O dia inteiro sem notícias dela, o dia inteiro com uma amargura ácida na boca — aquele desamparo crescente não lhe permitia classificar surtos egoístas como justificativas, e a dor do que considerava uma ruptura brusca, bizarra e fria não o autorizava a levar o